

DISCURSOS DE UMA DERROTA:  
UM ESTUDO DA PRODUÇÃO DISCURSIVA  
SOBRE A ELIMINAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA  
NA COPA DO MUNDO DE 2006

GUSTAVO DA SILVA FREITAS

Mestrando do curso de pós-graduação em educação física da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel)  
E-mail: gsf78\_ef@pop.com.br

Dr. LUIZ CARLOS RIGO

Professor adjunto da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel)  
Doutor em educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
E-mail: lcrigo@terra.com.br

RESUMO

*Este estudo tem como pressuposto a relevância que o campo midiático possui perante os acontecimentos esportivos atuais e faz uma análise da produção discursiva referente à desclassificação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2006, mais especificamente da derrota no jogo contra a seleção francesa. Para desenvolvê-lo utilizamos a perspectiva da análise de discurso apontada por Michel Foucault. Assim, com base na análise que realizamos de programas de televisão e matérias de jornais, concluímos que os discursos midiáticos produzem efeitos de verdades a partir de uma multiplicidade discursiva, e não de um metadiscurso.*

*PALAVRAS-CHAVE: Copa do Mundo; discurso midiático; derrota.*

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, é feita uma análise dos discursos produzidos a respeito da desclassificação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2006, especificamente, da sua derrota no jogo contra a seleção francesa. Parte da justificativa para este estudo está nos pressupostos assinalados por Geertz (1989), quando ele destaca que a cultura é uma trama de significados incorporada em símbolos e definida não pelo objeto ou ação, mas pelo significado dado pelos indivíduos. E Gastaldo complementa:

A produção de sentido/significado é também a produção de cultura, que permeia todas as instâncias de produção, consumo e controle social em qualquer sociedade, simples ou complexa, exprimindo também a produção/reprodução de uma relação de poder, na medida em que atribuir significados implica em “definir a realidade” (2000, p. 107).

Nessa definição de realidade, os discursos afirmam-se “[...] mais pelas questões de pura tática política que pela substância dos debates, mais pelo efeito político dos discursos na lógica do campo político que por seu conteúdo [...]” (BOURDIEU, 1997, p. 135).

Assim, nessa complexa trama política e sociocultural a relação entre verdade e discurso está pautada por uma construção do “verdadeiro”. Como observou Charaudeau (2006, p. 63), “[...] a verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz”.

## PISTAS METODOLÓGICAS

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a metodologia da análise do discurso na perspectiva de Michel Foucault (1998). O corpus escolhido para este estudo foi a transmissão do jogo entre Brasil x França realizada pela SporTV e pela Rede Globo, ocorrido em 1º de julho de 2006, e cinco edições<sup>1</sup>, posteriores ao jogo, dos jornais *Zero Hora* e *Folha de S.Paulo*<sup>2</sup>. Assim, através da autonomia que o método cartográfico<sup>3</sup> concede ao pesquisador na escolha das fontes empíricas consideradas

1. Além dessas cinco edições, como uma ilustração quanto a atualidade do tema da desclassificação da seleção brasileira é citado no artigo uma coluna assinada por Juca Kfourri e outra por Soninha, ambas publicadas em 2007.
2. A escolha pelos jornais *Zero Hora* e *Folha de S.Paulo* justifica-se pelas similaridades, pelas diferenças e pelas particularidades que constituem esses dois veículos midiáticos. A *Folha de S.Paulo* foi escolhida, principalmente, pelo seu alcance nacional e o *Zero Hora* por ser o jornal de maior influência política e cultural no Rio Grande do Sul.
3. Maiores considerações sobre a relação do sujeito com a seleção e o uso das fontes empíricas a partir do método cartográfico consultar: Rolnik (1989).

mais relevantes, selecionamos algumas matérias e reportagens que consideramos representativas dos diferentes discursos que proliferaram sobre aquele episódio.

## AS MÍDIAS E OS DISCURSOS FUTEBOLÍSTICOS

“Provavelmente aconteceram algumas coisas que nós nunca vamos ficar sabendo” (Jorginho)<sup>4</sup>. Essa frase, “jogada” entre comentários, é inquietante no que ela desdobra. Partindo do princípio de que nós, povo brasileiro, não tivemos e nunca teremos acesso à verdade última dos fatos, o que sobra então, são as criações discursivas que deles são feitas. Isso nos permite dizer que aquilo que vem à luz, que é escrito nas páginas dos jornais ou focado pelas câmeras de televisões são “inverdades”? Isso somente teria sentido em uma perspectiva teórica que postula a existência de um fato que estaria oculto, e que caberia ser revelado. Mas, na perspectiva teórica a que nos filiamos não há uma essência última do fato por trás da manchete que deveria ser descoberta; o que existem são versões, produções discursivas midiáticas, que não pertenceriam à modalidade do oculto, mas estariam no *murmúrio* entre o dito e o interdito, entre enunciado e enunciação.

Nesse jogo, surge o que podemos chamar de definições da realidade, que tanto exercem seu propósito na tradução do que está acontecendo (a locução do jogo, os comentários instantâneos às jogadas) quanto do que aconteceu (as reportagens pós-jogo, as análises no dia seguinte, o ponto de vista de um colunista). A autoridade do discurso pronunciado pela imprensa esportiva confere um grau de apropriação e circulação significativo no meio sociocultural. É interessante lembrar que, ao trabalharmos com o discurso midiático, estamos propondo um nível de apropriação do esporte que não é único. Ao ponderar sobre o esporte moderno e suas relações sociais, Eco distingue quatro planos de análise. Afora o primeiro, que é o praticado em primeira pessoa, todos os outros três níveis tratam do esporte enquanto espetáculo, pois a eles são acrescidos especulações, transações, comércio, entre outros. O segundo plano, que o autor denomina de esporte ao quadrado, acontece quando esse se torna o próprio espetáculo a ser visto. “Mas esse esporte ao quadrado”, acrescenta o autor,

[...] engendra um esporte ao cubo, que é o discurso sobre o esporte enquanto assistido: esse discurso é em primeira instância o *da* imprensa esportiva, mas engendra por sua vez o discurso *sobre* a imprensa esportiva, e, portanto um esporte elevado à *enésima* potência (Eco, 1984, p. 223).

---

4. Frase do ex-jogador da seleção brasileira, hoje atuando como auxiliar técnico do Dunga, durante sua participação como comentarista convidado do canal SporTV, ao analisar a derrota do Brasil para a França minutos após o término do jogo.

O consumo crescente desse esporte ao *cubo* e à *enésima* potência tem como grande fatia o futebol, e, de quatro em quatro anos, o bolo passa a ser a Copa do Mundo. É durante esse evento que as grades de televisão sofrem alterações e passam a incluir debates esportivos, mesas-redondas, resumos da Copa, além da transmissão sistemática em canais abertos e fechados dos jogos de outras seleções. É durante a Copa do Mundo que os jornais impressos passam a publicar um encarte especial do evento esportivo, que geralmente não se resume às avaliações técnicas e táticas das seleções por parte de seus redatores e colunistas. Soma-se a isso a cobertura dos *VIPS*, os bastidores, a divulgação turística do local/país que recebe o evento, em meio a outros assuntos.

Todo esse consumo ainda recebe o reforço da própria movimentação social que exhibe suas particularidades nesse “ser coletivo” que propõe o enfrentamento entre nações. A ideia de construção de um sentimento de nacionalidade, de brasilidade está colocada pela noção de pertencimento que uma camiseta, uma bandeira, um adorno verde-amarelo, uma reunião de amigos num bar ou em casa, um aglomerado em praça pública, enfim, tudo aquilo que material ou simbolicamente tal posição de “ser brasileiro” sugere. Esse processo evidencia o funcionamento de uma relação metonímica<sup>5</sup> entre Brasil e seleção brasileira durante a Copa do Mundo, na qual o selecionado brasileiro passa a ser o Brasil; assim, de certa forma, é o Brasil que passa a ser o derrotado ou o vencedor. Em Copas do Mundo passadas, como a de 1950, disputada no Brasil, e o tricampeonato conquistado em 1970, no México, temos claros dois exemplos de cadeia nacional encerrando-se em diferentes obliquidades, sendo a primeira estampada pelo sentimento da derrota e a segunda, pelo triunfo. Os resultados obtidos pela seleção brasileira têm e tiveram concatenação imediata no imaginário social, na imprensa, nos livros sobre o assunto e são utilizados naturalmente como parte de uma (re)configuração de uma determinada identidade nacional. O sentimento coletivo da vergonha e da decepção, como síntese da fraqueza ou do orgulho, e da vitória, como expressão de vencedor, pertence a esse universo oscilatório da identificação, do pertencimento. Não obstante, a última Copa do Mundo, disputada na Alemanha, projeta-se como mais um capítulo desse cenário, pois é preciso que se mantenha a percepção de que as derrotas também mobilizam uma série de discursos constitutivos de um acontecimento, ou mesmo de um período<sup>6</sup>:

- 
5. Sobre a relação de ordem metonímica entre uma seleção nacional e o povo que ela representa, consultar: Guedes (1998).
  6. Nelson Rodrigues foi talvez um dos autores que mais enfatizou as relações e os vínculos existentes entre a seleção brasileira e o cidadão brasileiro. Para ele, o período que vai da derrota da seleção brasileira em 1950 ao tricampeonato de 1970, corresponde à passagem de um povo marcado

A derrota desencadeia um processo de acusações, de culpabilizações, que se constitui em riquíssimo material de análise, pois tem o potencial de atualizar tudo o que divide a sociedade brasileira. [...] Mas as derrotas não são, de modo algum, ignoradas ou relegadas ao esquecimento: compõem a memória brasileira das Copas do Mundo, enquanto dramas nacionais, de intensidade diversa. Propiciam, também, a vivência de uma outra dimensão da solidariedade moral: a que se dá pela dor comum (GUEDES, 1998, p. 54-55).

A partir disso, somos instigados a questionar as relações estabelecidas entre o campo midiático<sup>7</sup> e esses acontecimentos esportivos, os tipos de discursos que esse campo produz, multiplica e faz proliferar, bem como os efeitos de verdade apresentados por esses discursos. Porém, considerando que os sentimentos de pertencimento produzidos pelas seleções nacionais, em especial as das Copas do Mundo de futebol, podem ser caracterizados como fenômenos socioantropológicos ainda em curso, em ebulição, somos impelidos também para uma reflexão sobre os processos de configuração e (re)configuração da nossa subjetividade, em especial sobre a relação que nós, brasileiros, estabelecemos com o futebol, com a seleção brasileira e com o nosso país.

Transitar pelas páginas dos jornais e pelas imagens da televisão indica uma forma de mapear discursos que nos levam a questionar sobre como temos sido pensados, representados e produzidos. O campo midiático não oferece uma unidade discursiva, ao contrário, multiplica seus comentários, desmembra suas análises, estiliza opiniões. Desse modo, como disse Michel Foucault (1998, p. 32), “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem”.

Partimos assim para a segunda parte deste trabalho, a qual extrai das fontes selecionadas marcas de uma derrota brasileira em Copa do Mundo – Brasil 0 x 1 França nas quartas-de-final da Copa do Mundo de 2006 –, sempre lembrando que a mediação entre o espetáculo e o público se dá por meios de operações análogas e distintas. Análogas por tratarem de um mesmo fato: o jogo e a derrota; distintas pela eleição de ângulos, de temas e de discursos por parte dos jornalistas esportivos, que vão construindo “verdades” para os acontecimentos.

---

pela baixa autoestima, para um povo que passou a ter orgulho de ser brasileiro. Mais considerações sobre colocações e as metáforas feitas por Nelson Rodrigues podem ser encontradas em suas crônicas compiladas nos livros: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol* (1993) e *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol* (1994), ambos da editora Companhia das Letras.

7. O conceito de campo midiático está sendo utilizado neste estudo tendo como referência o conceito de campo assinalado por Bourdieu (1990). Assim, as mídias e os discursos midiáticos, são entendidos não a partir de uma homogeneidade, mas como um campo heterogêneo, polifônico, imbricado em disputas internas e relações de poder.

*Aí vêm eles! Vamos lá! Agora, gente, sem sorriso, hein!  
Agora tem que ser cara de mal, vamos lá pra encarar os franceses!*  
Galvão Bueno

O tom dessa frase, pronunciada simultaneamente à entrada das seleções do Brasil e da França no campo, naquele 1º de julho de 2006, denota a entonação “torcedora” dos locutores e comentaristas. Fazer parte da coletividade em voga nesse período esportivo torna-se quase uma atitude natural pelo envolvimento emocional ali demonstrado, afinal de contas, somos *nós* que vamos encarar os franceses.

A comunicação do locutor em tempo real, procurando traduzir para o público o que está se passando em campo, abre espaço para o envolvimento emocional, deixando em segundo plano uma maior imparcialidade. A linguagem da televisão numa transmissão “ao vivo” trabalha o tempo todo com a intuição, com o dizer já, com a instantaneidade da imagem, da informação, do comentário, da narração, o que faz com que o locutor, muitas vezes, funda-se com o telespectador, com o torcedor. Assim, o ofício de locutor e/ou comentarista, além das competências técnicas, adquire o tom passional e parcial de um torcedor, e, quando a vitória não acontece, emocionalmente envolvidos, eles não se furtam de tentar encontrar os culpados<sup>9</sup> pela sensação de impotência coletiva criada pela derrota.

A respeito dessa linguagem televisiva movida por uma parcialidade consentida, Gastaldo afirma que:

[...] o discurso do locutor de um jogo de futebol da seleção em uma Copa do Mundo torna-se uma fonte oral rara dentro do campo discursivo jornalístico, permitindo uma análise dos mecanismos de articulação de significado e, por conseguinte, de definição de realidade, não apenas dos fatos do jogo, mas de tudo o que de simbólico um jogo do “Brasil” representa para a sociedade brasileira (2000, p. 111).

A narração da derrota para a França na Copa de 2006 traz algumas passagem que evidenciam um pouco como certos comentários e interpretação do jogo extrapolam em muitos os aspectos técnicos e táticos do futebol, inclusive fazendo relações entre os jogadores e o “ser brasileiro”. Ainda no primeiro tempo do jogo, inconformados com o desempenho da seleção brasileira, o narrador esportivo

---

8. Essa individualização da derrota, utilizada como uma estratégia para preservar uma identidade ideal da seleção nacional, coloca certos jogadores como, traidores, como não dignos de honrar a tradição da seleção brasileira.

Galvão Bueno e o comentarista Casagrande (Rede Globo) proferem, respectivamente, as seguintes frases: “Mas o Brasil é sempre assim né, tem o talento individual pra resolver a qualquer momento”; “A França passeia em campo, o Brasil tem que ter atitude, senão vai ficar ruim”. Se, por um lado, havia a expectativa de que habilidade individual do brasileiro poderia resolver, por outro, havia a reclamação da falta de força coletiva do brasileiro para mudar o norte dos acontecimentos.

Avaliações como essas estavam presentes na maior parte da transmissão, ora se referindo aos jogadores, ora incluindo também a comissão técnica:

Nem eu, eu nunca vi uma equipe tão entregue, parada, não se apresenta, falta de personalidade, falta de participação...até do banco, do Parreira [...] (Casagrande) O Parreira tá parado na lateral do campo olhando e sem nenhuma reação. (Galvão Bueno) E normalmente a equipe é a cara do treinador e ele tá passivo e a equipe tá passiva em campo também. Não tem atitude de ninguém (Casagrande).

Conforme o final do jogo se aproximava e a eliminação brasileira se concretizava os comentários de análises técnico-táticas cediam espaços para os exames de conduta e de postura dos jogadores, atitudes estas características de torcedor.

(Galvão Bueno) É torcedor brasileiro, nenhum chute a gol!

(Falcão)<sup>9</sup> Além disso [...] o futebol da Seleção quando tem a bola é irritante e quando não tem é mais irritante ainda porque não consegue tirar a bola do time francês [...] como tá o jogo, a França tá muito mais perto de fazer o segundo gol do que a gente do empate, mas a gente acredita ainda que algum talento possa aparecer.

Mas não podemos negar que a postura adotada por essa imprensa fica no terreno da crítica. A busca de uma saída para o que estava acontecendo parece ser a missão a ser cumprida frente à falta de atitude daqueles que eram responsáveis por incentivar tal ação. A dor da derrota iminente gerava o incômodo de que algo precisava ser feito, de que algum ato ainda poderia alterar o curso da história do jogo e evitar a agonia e a amargura do fracasso. Ao solicitar insistentemente uma mudança<sup>10</sup>, as narrativas televisivas do jogo, sobretudo após o gol francês no segundo tempo, carregam em si uma exigência de torcedor, ápice de uma angústia ilustrada

---

9. Paulo Roberto Falcão, ex-jogador e ex-treinador da seleção brasileira de futebol, comentarista da Rede Globo durante a Copa do Mundo de 2006.

10. A mudança mais significativa comentada e “pedida” pelos locutores e comentaristas era a entrada do jogador Robinho, fazendo eco aos gritos e cartazes da torcida no estádio, e porque não dizer, fazendo eco às próprias vontades como torcedores.

pela distância entre o que se esperava que acontecesse e o que estava acontecendo. Vejamos mais alguns comentários a esse respeito:

Olha aí o torcedor brasileiro chorando... tá na hora de mexer, eu faria duas alterações de uma vez (Casagrande).

E o Parreira tem que mexer urgente, o time tá parado, o time se entregou em campo. (Falcão) O time tá abatido! (Galvão Bueno).

E a torcida pede Robinho (Tino Marcos)<sup>11</sup> [...] E o Parreira continua parado, vejo o Parreira parado na lateral de campo. (Galvão Bueno) Nós também queremos o Robinho! (Falcão).

O Parreira tá vivendo a seguinte situação: ele precisa neste instante da partida botar alguns no banco, tirar alguns medalhões (Paulo César Vasconcellos)<sup>12</sup>.

Após a mudança se efetivar e permanecer o resultado negativo, ao se aproximar do final, a passionalidade acentuada durante quase toda a transmissão da partida começou a ceder lugar para discursos mais racionais que visavam à explicação da derrota. No canal SporTV, foi possível assistir à seguinte intervenção feita pelo repórter e apresentador Marcelo Barreto, após a eliminação do Brasil ser efetivada:

É um momento de, principalmente, de observar e de refletir. O que as pessoas cobram de todos nós, de comentaristas, narradores, de jornalistas, quem lida com a opinião, é a coerência. É hora de olhar pra trás e ver se de tudo o que a gente falou ao longo da Copa do Mundo se realizou nessa eliminação do Brasil. [...] Tudo isso [...] eu acho que é o que vai balizar nosso pensamento nos próximos dias. Eu fiquei ouvindo algumas coisas ali dos torcedores, é preciso estar atento, né? A gente precisa estar atento ao pensamento do torcedor nesse momento e os torcedores estão, nesse momento, magoados, botando parte da culpa no técnico Parreira e parte da culpa também nos jogadores brasileiros falando ali da falta de atitude.

Após o término da partida as análises mais imparciais voltaram a ocupar os espaços da imprensa esportiva, tentando mapear e elucidar as possíveis razões que determinaram a derrota brasileira. O locutor, o apresentador e os comentaristas esforçavam-se para se diferenciar do torcedor, para não mais fazer parte do *nós*.

---

11. Tino Marcos é repórter da Rede Globo e estava credenciado a realizar cobertura no campo durante a partida.

12. Paulo César Vasconcellos é jornalista do canal de esportes SporTV e comentou os jogos do Brasil nas transmissões desse canal durante a Copa do Mundo de 2006.



A busca de explicações para a derrota é o que predomina largamente nas matérias e reportagens da imprensa escrita após o jogo. Escritas sem o calor e a instantaneidade do jogo, elas procuram se utilizar mais de elementos da ordem racional do futebol, como as explicações técnicas e táticas, para tentar nomear as causas da derrota.

Apesar de também estar pautada pela dor da derrota, a imprensa escrita, por estar mais afastada da posição de torcedora, consegue preservar um considerado distanciamento emocional sobre o ocorrido. O tempo decorrido entre o final do jogo e o início da escrita da reportagem, da crônica ou da coluna é determinante nesse processo, visto que o jornal não irá narrar o jogo, mas fazer considerações a respeito dele. Mesmo assim, o torcedor espera que se “fale” mais, que surjam pontos de vista que possam reproduzir aquilo que ele gostaria de “falar”, que a *falação esportiva* tome corpo naquilo a que ela se propõe: uma apropriação e uma difusão de inúmeras hipóteses provenientes de múltiplos discursos.

A própria história do jornalismo impresso deve ser considerada ao pensarmos na sua linguagem atual. Surgido muito antes da televisão, o jornal tinha por função “narrar” os fatos, noticiar os acontecimentos, informar à população, que, por sua vez, elevava esse veículo a um status significativo de comunicação. O advento da televisão balizou uma reinvenção do trabalho nas linhas editoriais dos jornais, pois não havia mais a necessidade de repetir fielmente o que se via na tela. O interesse das redações em manter os jornais com grande inserção social era repetir a notícia, porém dando a ela um maior grau de investigação, de criticidade e de espaço para o colunista, constituindo-se, dessa forma, no diferencial entre a concorrência<sup>14</sup>.

Nas últimas Copas do Mundo, a presença desses colunistas cresceu de maneira desmedida. No Brasil, por exemplo, se observa que muitos jornais ampliam suas equipes de trabalho com personalidades oriundas de outras áreas, como a música, o cinema e a literatura, ou até mesmo do universo do futebol, como con-

---

13. Título-manchete da coluna do ex-jogador e colunista Tostão na *Folha de S.Paulo* do dia 2 de julho de 2006, um dia após a derrota do Brasil diante da França.

14. José Carlos Marques (2005) faz uma análise dessas mudanças, apontando a década de 1970 como o início desse processo no meio jornalístico. Do tricampeonato mundial (conquistado pelo Brasil no México) em diante, o crescente investimento dos canais de televisão nas coberturas de Copa do Mundo provocou alterações substanciais nas coberturas feitas pelo jornalismo impresso.

vidados especiais<sup>15</sup>. A reação dos jornais a uma tendente supremacia da televisão e, atualmente, da internet, na cobertura desse e de outros eventos esportivos fez com que os escritores jornalísticos se expusessem com textos mais subjetivos e opinativos sobre os “fatos”, estilizando, por exemplo, a derrota do Brasil para França em mil discursos.

Em um deles, Tostão escreveu:

Sei que muitos leitores gostariam que eu escrevesse que os jogadores não se empenharam, pois estão ricos e famosos, que as estrelas são atletas enganadores, que os veteranos não conversavam com os novos, que a patrocinadora da seleção escala o time e outras coisas desse tipo. Estou também indignado, mas não posso criticar baseado em suposições. Prefiro criticar o que vi e percebi, como os treinos diários com os jogadores fora de posição e em um campo pequeno. Isso não tem nada a ver com uma situação de jogo (2 jul. 2006, p. D3).

Apesar de fazer uma análise clara sobre a derrota, ao priorizar somente questões pontuais dos treinos que ele diz ter visto, sua análise se torna tão parcial e válida quanto qualquer outra que, diferente dele, priorize outros aspectos que não os treinos. Ainda no dia seguinte à derrota, outros dois colunistas fixos do jornal gaúcho *Zero Hora*, Wianey Carlet e Ruy Carlos Ostermann, publicam suas versões que, como podemos observar, sugerem explicações diferenciadas:

A França jogou melhor, dando uma aula de organização tática e excelência técnica. O Brasil foi um acúmulo de fracassos individuais. Parreira começou o Mundial jogando no esquema 4-2-4, ontem evoluiu para o 4-3-3 e volta pra casa sem ter chegado ao 4-4-2. Levamos para a Alemanha, além da nossa histórica soberba, quando se trata de futebol, um conjunto de ex-jogadores que só foram titulares para que alcançassem recordes individuais, que pouco ou nada interessavam ao Brasil (CARLET, jul./2006, p. 13).

A França conseguiu marcar avançadamente sem deixar as costas livres. Ao avançar Zidane, o técnico deu outra constituição tática e qualidade ao time da França. [...] A França toda com Zidane teve ritmo, força, ousadia, marcação, fez o gol. Não há menor dúvida sobre a validade, sobre a justiça da vitória francesa. A França foi melhor (OSTERMANN, 2 jul. 2006, p. 13).

É preciso que se diga que ambas notadamente partem de uma mesma posição, ou seja, o primor tático foi o fiel da balança. Mas são os desdobramentos que as diferenciam: enquanto a primeira faz referência a interesses particulares de alguns jogadores brasileiros – ou ex-jogadores, como aponta – se sobrepondo aos interesses de ordem coletiva como o ponto crucial para a derrota, a segunda opta

---

15. Na Copa do Mundo de 2006, por exemplo, a *Zero Hora/RS* contou com a coluna diária do escritor gaúcho Luís Fernando Veríssimo e do ex-jogador Assis, irmão do Ronaldinho Gaúcho.

por qualificar o adversário, mesmo que exaltando o mérito individual de um jogador (Zidane), deixando claro que existia um time do outro lado, e por mais que o Brasil não tivesse feito por merecer sua classificação, a França o fez.

Marques (2005), ao estudar as particularidades históricas da imprensa esportiva em Copas do Mundo e ao fazer considerações a respeito da mídia impressa, afirma que:

A primazia de poder eleger temas e ângulos de discussão é levada assim às últimas consequências pelos colonistas e cronistas, que acabam assumindo, mais do que meros repórteres ou redatores, a imagem dos depositários da sabedoria milenar. Colunas e crônicas passam a representar uma espécie de oráculo, de consulta esotérica, que o leitor visita cotidianamente para referendar ou contrastar suas próprias opiniões (p. 170).

#### AINDA SOBRE A DERROTA

Pelo significado sociocultural e pela legitimidade e prestígio que gozam dentro do universo futebolístico, os episódios que fazem parte de uma Copa do Mundo se tornam acontecimentos quase inesquecíveis. Mesmo após encerrado o evento, muitos acontecimentos voltam à baila de diversas maneiras, em diferentes contextos. Exemplo disso foi a entrevista concedida em agosto de 2007 pelo presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, na Suíça enquanto oficializava a candidatura do Brasil para sede da Copa do Mundo de 2014. Na oportunidade, ao responder a um questionamento sobre a atuação do Brasil na Copa da Alemanha, mostrou-se resignado com a derrota brasileira, afirmando que os jogadores não poderiam ter sucesso em um ambiente caracterizado por festas e bebidas. Além disso, como estratégia para se desonerar da culpa do resultado, adicionou a seguinte declaração: “como ninguém via isso?”<sup>16</sup>.

O fato, como não poderia deixar de ser, não passou incólume nas páginas dos jornais. Novamente se assistiu, ou melhor, pôde-se ler um dilúvio de interpretações que vieram lembrar as culpas e levantar novas suspeitas sobre as razões pelas quais o Brasil não foi hexa-campeão mundial. A colunista Soninha, no dia 7 de agosto de 2007, escreveu na *Folha de S.Paulo*, em seu espaço semanal, um texto com o título “O porre e o esculacho: o Brasil não perdeu a Copa do Mundo por culpa de um porre, mas do descontrole geral. Que não era segredo”, no qual problematiza as declarações de Ricardo Teixeira a partir da seguinte declaração:

---

16. A coluna de Juca Kfourí na *Folha de S.Paulo* do dia 5 de agosto de 2007, além de seus comentários, reproduziu trechos da entrevista que Ricardo Teixeira havia concedido no dia anterior. A coluna destacou duas declarações: “Tinha jogador que chegava entre as 4h e as 6h da manhã bêbado”; “Era óbvio que aquilo não ia funcionar. Como é que ninguém via isso?”.

O Brasil não perdeu a Copa porque, em um dia de folga (presumo), um ou mais jogadores se excederam e acordaram de ressaca. E nem perdeu porque Ronaldo se apresentou bem acima do peso. Também não foi a meia do Roberto Carlos ou a venda de ingressos para treinos em Weggis o que causou a eliminação ridiculamente precoce. Foi isso tudo junto, e principalmente o que levou a isso. [...] No jogo de cartas, quando alguém pergunta “de quem é a vez?”, é comum a resposta ser “de quem pergunta”. Quando Ricardo Teixeira indaga, perplexo, “como é que ninguém viu isso”, a situação é análoga: quem tem de responder isso é quem pergunta.

Após mais de um ano do fracasso em campos alemães, vemos que o tema continua a transitar pela imprensa esportiva servindo de matéria-prima para colonistas e jornais, que se mantêm a espreita de qualquer depoimento, de qualquer revelação que seja capaz de incitar outras versões ou outros discursos sobre o episódio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa análise centrou-se especificamente no campo da produção midiática, ou seja, como são construídos os discursos compostos por textos escritos, (jornais) orais (locução e comentários) e imagéticos (transmissão de jogos), sem adentrarmos no campo da recepção desses discursos<sup>17</sup>. Assim, tomando como recorte empírico o jogo que desclassificou a seleção brasileira da Copa de 2006, procuramos mostrar um pouco sobre o funcionamento do campo midiático, como nele circulam estratégias políticas, técnicas e discursivas para fazer falar, ver e ouvir. Constatamos que, diferente do que muitos pensam, esse campo não está empenhado na reprodução de um único discurso, pelo contrário, é através da produção e da disseminação de uma polifonia discursiva que ele interage e intervém nas subjetividades do público. Especificamente sobre o jogo analisado identificamos a existência de uma diversidade de discursos no que se refere ao conteúdo e às estratégias e estilos discursivos, o

---

17. Charaudeau (2006), no livro *Discurso das mídias*, classifica em três lugares a construção de sentidos, no que chama de máquina midiática. O primeiro lugar se refere ao da *produção*, ou lugar das condições de produção, que se subdivide em dois espaços: um externo-externo, ocupado pela organização sócioprofissional, preocupada com os efeitos econômicos enquanto empresa, e outro externo-interno, representado pela realização do produto, justificado por uma intencionalidade de efeitos visados. O segundo lugar mencionado é o do *produto*, ou lugar de construção do produto, ou seja, é o jornal impresso, o programa de televisão, o texto produzido, todos contendo efeitos de sentido possíveis, uma vez que a recepção é algo imaginado. Já o terceiro lugar é o da *recepção*, ou lugar das condições de recepção, que, assim como na instância de produção, é dividido em dois espaços: um interno-externo, preenchido pelo alvo imaginado, aquele em que os efeitos visados pela produção encontram seu destinatário ideal, e o externo-externo, que se refere a uma instância na qual não se tem controle sobre os efeitos produzidos, ou seja, o produto pode ser consumido de maneira totalmente diferente da desejada.

que desacomoda qualquer intenção de se chegar a uma única versão para o fato ou mesmo de se buscar uma metanarrativa. Essa situação, de certa forma, se aproxima de um ponto da análise do discurso feita por Foucault, quando ele assinala que "há muitos textos maiores que se dispersam e desaparecem, e há comentários que por vezes vêm ocupar o lugar primordial" (1998, p. 13).

Essa multiplicidade de discursos e enunciados que funcionam individualmente e em rede não foram aqui tratados como meras interpretações de um mesmo acontecimento; ao tomarmos a linguagem em sua perspectiva performática, criadora de realidade, no sentido que assinala, por exemplo, Wittgenstein (1979)<sup>18</sup>, consideramos que esses discursos produzem efeitos de verdade<sup>19</sup>, constituindo-se eles próprios em expressões das causas e dos significados daquela derrota.

Por fim, cabe destacar que, apesar de nos atermos aqui ao campo da produção dos discursos e seus efeitos de verdade, não significa que menosprezamos a importância de estudos sobre a recepção desses discursos, ou mesmo que acreditemos que eles serão assimilados de forma passiva pelos sujeitos. O campo da recepção, de como e do quanto esses discursos são recebidos, assimilados, (re)significados ou mesmo utilizados pelos sujeitos, é assunto para outros estudos, feitos a partir outras metodologias.

### Discourses of a lose: a study of the discourse's production about Brazilian's Team elimination in the 2006 World Cup

*ABSTRACT: The purpose of this research is to show the relevance which the mediatic field has before the actual sporting facts and make an analysis of the discourse production concerning the Brazilian's Team in the 2006 World Cup, more specifically about its lose in the game against the French's Team. For the development of this study we used the perspective of the discourse's analysis pointed by Michel Foucault. In this way, based in the avaliation that we did in TV programs and in news papers, we conclude that the mediatic discourses produces truth effects from a discursive multiplicity, and not from a meta discourse.*

*KEYWORDS: World Cup; discourse midiático; lose.*

18. Sobre a linguagem na perspectiva de Wittgenstein, Derrida e outros, consultar o artigo "Os desafios da linguagem", de Débora Cristina Santos Silva (2008).

19. O conceito de verdade está sendo utilizado também na perspectiva que o concebe Michel Foucault: verdade na contingência, como construção histórica. Para Foucault as verdades são mundanas, fabricadas, criadas, e não descobertas a partir de certas condições de possibilidade, certas "ordens de verdade", que os diferentes contextos históricos instituem e legitimam. Maiores considerações sobre como esse autor lida com a questão da verdade, ver, do próprio autor, "A verdade e as formas jurídicas" (1999). Ou ainda o artigo de Salma Tannus Muchail, "A produção da verdade" (2008).

## Discursos de una derrota: um estúdio de la producción discursiva sobre la eliminación de la selección brasileña en la Copa del Mundo de 2006

*RESUMEN:* Este estudio tiene como presupuesto la relevancia que el campo mediático posee ante los acontecimientos deportivos actuales y analiza la producción discursiva referente a la desclasificación de la Selección Brasileña de la Copa del Mundo de 2006, más específicamente de la derrota en el partido contra la Selección Francesa. Para desarrollarlo, utilizamos la perspectiva del análisis del discurso apuntada por Michel Foucault. Así que, con base en el análisis que realizamos de programas de televisión y reportajes de periódicos, concluimos que los discursos mediáticos producen efectos reales a partir de una multiplicidad discursiva, y no de una meta discurso.

*PALABRAS CLAVES:* Copa del Mundo; discurso mediático; derrota.

### REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CARLET, W. Favorito de papel. *Zero Hora*, Porto Alegre, Jornal da Copa, p. 13, 2 jul. 2006.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL. Transmissão do jogo Brasil x França. Alemanha: Rede Globo, 1 jul. 2006. Programa de TV. (VHS)

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL. Transmissão do jogo Brasil x França. Alemanha: Canal SPORTV, 1 jul. 2006. Programa de TV. (VHS)

ECO, U. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura F. A. Sampaio. Campinas: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto C. M e Educarado, J. M. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

GASTALDO, E. L. "Os Campeões do Século": notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 22, n. 1. p. 105-124, set. 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GUEDES, S. L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

KFOURI, J. Como é que ninguém via isso? *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Caderno de Esportes, D4, 5 ago. 2007.

MARQUES, J. C. Parece que todo o Brasil deu a mão (as Copas do Mundo e a mobilização de nossa imprensa esportiva). In: CAMARGO, V. R. T.; CARVALHO, S.; MARQUES, J. C. (Orgs.). *Comunicação e esporte – tendências*. Santa Maria: Pallotti, 2005. p. 149-171.

MUCHAIL, S. T. A produção da verdade. *Revista Ciência & Vida Filosofia Especial*, São Paulo: Dibra/Nova Escala, ano II, n. 8, p. 6-11, 2008.

OSTERMANN, R. C. Zidane. *Zero Hora*, Porto Alegre, Jornal da Copa, p. 13, 2 jul. 2006.

RODRIGUES, N. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *A pátria em chuteira: novas crônicas de futebol*. Org. Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Edição Liberdade, 1989.

SILVA, D. C. S. Os desafios da linguagem. *Revista Ciência & Vida, Filosofia Especial*, ano II, n. 8, São Paulo: Dibra/Nova Escala, p. 56-66, 2008.

SONINHA. O porre e o esculacho. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Esporte, p. D3, 7 ago. 2007.

TOSTÃO. Agora acabou. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Copa 2006, p. D3, 2 jul. 2006.

WITTGENSTEIN, L. *As investigações filosóficas*. São Paulo: Abril, 1979. (Col. Os Pensadores)

Recebido: 5 ago. 2008

Aprovado: 17 out. 2008

Endereço para correspondência

Gustavo da Silva Freitas

Rua Agenor Oliveira Costa, 382 – Cassino

Rio Grande-RS

CEP 96205-280

Luiz Carlos Rigo

Rua Gonçalves Chaves, 3.063, ap. 503, bloco B

Pelotas-RS

CEP 96015-560